

Domingo, 13 de novembro de 2022

A luta pela democracia e os desafios do novo governo

Existe uma famosa frase da Simone de Beauvoir que diz: “Basta uma crise política, econômica e religiosa para que os direitos das mulheres sejam questionados”. E esse mesmo estado de alerta também se faz necessário para a existência e permanência de um estado democrático de direito.

No dia 23 de agosto deste ano, o atual presidente Jair Bolsonaro, convocou as pessoas a irem às ruas no dia Sete de Setembro “pela última vez”. Para que o Supremo entenda o que é “a voz do povo”. Um princípio basilar do Direito é que o juiz deve julgar de maneira imparcial. Ainda que isso seja uma impossibilidade prática do mundo real, ainda que se saiba que um juiz, como qualquer cidadão, tem suas posições políticas, ele deve se esforçar ao máximo para evitar que elas interfiram nas suas decisões.

Os ministros do Supremo devem procurar realizar seus julgamentos à luz do Direito, e não da pressão popular. Se Bolsonaro ou qualquer pessoa do governo diverge de alguma decisão do STF, precisa divergir tecnicamente, com recursos jurídicos. Quando coloca o povo contra as decisões tomadas por um poder, Bolsonaro ameaça a democracia.

Infelizmente, não foi apenas uma vez, nesses últimos 4 anos, que a democracia foi atacada e colocada em cheque. Na verdade, foi uma constante ao ponto de ter sido de certa forma normalizado os ataques que sofreu. Mara Telles, cientista política, professora da Universidade Federal de Minas Gerais (UFMG) e presidente da Associação Brasileira de Pesquisadores Eleitorais (Abrapel), foi enfática sobre o assunto:

“Me estranha estarmos aqui hoje em uma situação de normalidade, como se a realidade estivesse suspensa. Eu acho algo distópico: enquanto um presidente diz que vai dar um golpe, prepara o golpe, apresenta o golpe ao mundo na presença de cerca de 70 diplomatas, nós estamos aqui verificando se vai ou não ter não o golpe, mas a produção de um discurso golpista.”, declarou a professora.

O discurso de um líder de uma nação possui um peso significativo em como a população irá ver, entender e se relacionar com a própria ideia de uma sociedade

democrática. “A tarefa de restaurar a democracia e reconstruir o Brasil exigirá de cada um de nós um compromisso de tempo integral. Não temos tempo a perder odiando quem quer que seja”, afirmou o recém-eleito presidente Lula em discurso realizado no Expo Center Norte, em São Paulo.

O futuro governo será confrontado pelo desequilíbrio fiscal; pela inflação persistente; pelo ainda maior enfraquecimento do pacto federativo; e por demandas sociais prementes como a disseminação da fome, a devastação de florestas, em meio ao desmonte dos órgãos ambientais e ataques por atividades ilegais aos povos indígenas; a desintegração da educação pública fundamental e média, o sucateamento das universidades federais e da pesquisa em ciência e tecnologia.

Tantos problemas são agravados pelo contexto político: o Brasil está perturbado por uma militância de extrema-direita barulhenta e armada; um Congresso Nacional que sequestrou o Orçamento da União e cobrará o preço para pactuá-lo com o Executivo; pela resistência militar em devolver a gestão do país aos civis; além da politização e aparelhamento de órgãos de controle. Um cobertor tão curto para acolher tal dimensão de desafios setoriais só pode ser solucionado pela política, em pacto nacional alinhavado em torno de valores democráticos, sociais e ambientais.

Em seu favor, Lula, que conta com apoio de governantes que combatem, em vários países, a ascensão da extrema direita, tem a reconhecida habilidade para a articulação política. Ao longo da campanha, já antevendo o que o esperava, assim como também processando a baixa tolerância a desvios do chamado “mercado” com efeitos de imagem colada mais à esquerda, reordenou o seu núcleo político de apoio em amplo espectro ideológico da esquerda à direita.

Lula precisará investir muito no fortalecimento da democracia. Regredimos. Por isso, o presidente eleito vai ter de voltar a fortalecer as instituições, como os partidos políticos e a imprensa, que são filtros importantes numa sociedade democrática. São corpos intermediários que têm por missão evitar a chegada de um Bolsonaro ao poder.